

É no momento em que a economia brasileira chega à segunda etapa do processo de industrialização substitutiva de importações (anos 50), com a entrada das empresas multinacionais, definindo no Brasil um capitalismo monopolista dependente, e com o aumento decisivo da participação do Estado, definindo um capitalismo estatal, tecnoburocrático — é nesse momento que o modelo de subdesenvolvimento industrializado assume suas principais características.

Subdesenvolvimento industrializado é o nome que melhor define o tipo de desenvolvimento contraditório, desequilibrado, excludente, mas dinâmico, que caracteriza uma série de países subdesenvolvidos que se industrializaram, alcançaram um grau intermediário de desenvolvimento econômico, tecnológico e cultural, mas se conservam subdesenvolvidos. O subdesenvolvimento, neste caso, não se define pelo baixo desenvolvimento das forças produtivas, mas, fundamentalmente, pelos profundos desequilíbrios que dividem a economia e a sociedade. De um lado, temos uma minoria constituída de burgueses e tecnoburocratas que adotam padrões de consumo semelhantes aos dos países centrais, enquanto a massa dos trabalhadores tem um nível de vida extremamente baixo. Por outro lado, podemos também distinguir na economia um setor produtivo monopolista, onde estão as grandes empresas e o Estado moderno tecnoburocrático utilizando tecnologia altamente sofisticada, e um setor competitivo de pequenas e médias empresas, que inclui também as áreas tradicionais e as áreas marginais da população.¹

No final da Segunda Guerra Mundial e ainda nos anos 50, imaginava-se que a industrialização terminaria com o subdesenvolvimento. Mas, no início dos anos 70, quando o subdesenvolvimento industrializado é definido e analisado por uma série de economistas brasileiros (Celso Furtado, Maria da Conceição Tavares, José Serra, Fernando Henrique Cardoso, Enzo Faletto, Antônio Barros de Castro, Paul Singer, Edmar Bacha, Pedro Malan, entre outros), percebe-se que a industrialização não eliminava necessariamente o subdesenvolvimento.² Mantinha-o à medida que mantinha a pobreza, a fome, a doença e o analfabetismo em amplos setores da população.

A economia brasileira é talvez o caso mais típico de subdesenvolvimento industrializado. Sua característica fundamental é aliar altas taxas de crescimento econômico a um forte processo de concentração da renda, sem que isso represente um aumento significativo da taxa de acumulação de capital: o excedente adicional é basicamente utilizado para a compra de bens de consumo de luxo por capitalistas e tecnoburocratas.

No plano político, o modelo de subdesenvolvimento industrializado corresponde ao Estado autoritário tecnoburocrático-capitalista, que se instala no Brasil a partir de 1964. Esse Estado, que substitui a aliança populista do modelo de industrialização substitutiva de importações, é marcado pela unidade da burguesia mercantil e industrial (que fora quebrada no período populista) e pela aliança da burguesia com a tecnoburocracia pública e privada, civil e militar, e com as empresas multinacionais. Essa aliança só começa a entrar em colapso a partir do final dos anos 70, quando a sociedade civil, em face da crise econômica, começa a libertar-se da tutela tecnoburocrático-militar. A própria burguesia, que fora a grande beneficiária dessa tutela, começa a pô-la em questão, iniciando-se, então, o processo de abertura política.

No plano econômico, taxas de crescimento econômico elevadas, acompanhadas de salários estagnados, embora definidoras do modelo de subdesenvolvimento industrializado, não constituem novidade histórica nas fases iniciais de industrialização dos países hoje desenvolvidos. Nesses países, quando aumentava a produtividade, o excedente que se produzia em decorrência era apropriado pela burguesia para ser aplicado principalmente em bens de capital. Foi assim que se elevou a taxa de acumulação de capital, garantindo-se em seguida um desenvolvimento mais seguro do sistema econômico. Nas formações sociais estatais, especialmente na União Soviética, o processo foi o mesmo. E de forma ainda mais decidida, já que o consumo da alta tecnoburocracia soviética era mais limitado do que o da alta burguesia e da aristocracia inglesas, por exemplo.

Nesses países, o processo de equilíbrio entre a oferta e a procura agregadas era garantido por meio da produção de bens de capital e matérias-primas que produziam mais bens de capital, que produziam mais matérias-primas e mais bens de capital, e assim por diante, sem necessidade de se aumentarem os salários e o consumo de bens de salário. Na fase inicial de industrialização, a produção de bens de consumo e o total de salários aumentavam aproximadamente à mesma taxa do crescimento da população. Em consequência, o aumento da produtividade resultava, ao mesmo tempo no aumento dos lucros (ou de excedente estatal, no caso da União Soviética)

e no aumento dos investimentos, I , mais do que proporcional ao aumento da renda, Y , resultando, portanto, em um aumento da taxa de acumulação de capital, I/Y .

Já no modelo de subdesenvolvimento industrializado, tratando-se de um modelo de desenvolvimento dependente em que a pressão social no nível da burguesia e da tecnoburocracia no sentido de reproduzir os padrões de consumo dos países centrais é muito forte, o equilíbrio entre a oferta e a procura agregadas se dá por meio do aumento da produção (e consumo) dos bens de consumo de luxo. Da mesma forma que no caso do desenvolvimento inicial dos países centrais, os salários totais e a produção de bens de consumo básico crescem aproximadamente à mesma taxa do aumento da população, mantendo-se a taxa de salários constante. Mas a produção de bens de consumo de luxo, procurados por capitalistas e tecnoburocratas, aumentou. Produz-se mais bens de capital e mais matérias-primas não para produzir mais bens de capital e mais matérias-primas, como acontecia nas revoluções industriais dos países centrais, mas para produzir mais automóveis, mais eletrodomésticos, mais aparelhos de alta fidelidade, de forma que a taxa de acumulação não aumenta. Além disso, como a produção local de bens de capital e de produtos semi-acabados e matérias-primas necessários para a produção de bens de consumo de luxo é insuficiente, exigindo a importação de insumos e máquinas, além do pagamento de lucros e assistência técnica por meio de empresas multinacionais, torna-se necessário aumentar as exportações agrícolas ou então aumentar o endividamento externo. Temos, assim, um desenvolvimento intrinsecamente desequilibrado, no qual a primazia dada aos bens de consumo de luxo resulta em não aumentar a taxa de acumulação de capital e em provocar o desequilíbrio das contas externas do país.

O subdesenvolvimento industrializado caracteriza-se pela existência de dois setores: um monopolista e estatal, onde se localizam as grandes empresas e o Estado e cuja tecnologia é sofisticada, moderna, e os mercados, oligopolistas; e um setor competitivo, constituído por pequenas e médias empresas capitalistas, dos restos de economia de autoconsumo e das populações marginais urbanas, geralmente auto e subempregadas.

Entre os dois setores, tende a ocorrer uma troca desigual semelhante à que ocorre no plano internacional entre países industrializados e países primário-exportadores. As grandes empresas monopolistas, seus capitalistas, tecnoburocratas, e uma parte de seus trabalhadores mais qualificados têm lucros, ordenados e salários mais altos do que as correspondentes remunerações no setor competitivo. Isso acontece porque as grandes empresas são capazes de conservar para si os ganhos de produtividade, não baixando os

preços e, sim, aumentando lucros, ordenados e salários (de trabalhadores especializados) quando aumenta a produtividade. Enquanto isso, as pequenas empresas e os participantes autônomos do setor competitivo transferem todos os ganhos de produtividade que eventualmente alcancem para o setor monopolista na forma de preços relativamente mais baixos de seus produtos.

Em síntese, o modelo de subdesenvolvimento industrializado é um estilo de desenvolvimento específico dos países capitalistas subdesenvolvidos, que, na segunda metade deste século, alcançaram um grau intermediário de desenvolvimento de suas forças produtivas. O subdesenvolvimento industrializado é um padrão de acumulação contraditório, que alia industrialização com concentração de rendas das camadas médias para cima. Implica a reprodução dos padrões de consumo do centro por uma minoria de burgueses e tecnoburocratas e a ênfase na produção de bens de consumo de luxo. É condicionado pela entrada das empresas multinacionais que detêm a tecnologia dos bens de consumo de luxo e pelo surgimento das grandes empresas estatais. Estas empresas constituem o setor monopolista da economia, que, graças a um processo de troca desigual com o setor competitivo, transforma-se no setor dinâmico e altamente lucrativo da economia. Apesar da concentração de renda, entretanto, o subdesenvolvimento industrializado não se traduz em elevação das taxas de acumulação de capital devido à ênfase dada à produção e ao consumo dos bens de luxo.

NOTAS

¹ Desenvolvi amplamente estas idéias em *Estado e subdesenvolvimento industrializado* (Bresser Pereira, 1977).

² Os trabalhos a respeito de Furtado, Cardoso, Tavares, Mello e Bacha já foram citados. Ver ainda Antônio Barros de Castro (1969), Tavares e Serra (1971), Paul Singer (1972, 1976), Bonelli e Malan (1976). Aníbal Pinto, economista chileno, teve influências importantes sobre o pensamento econômico brasileiro nos anos 70. Ver especialmente seu trabalho fundamental sobre a heterogeneidade estrutural da economia latino-americana (Pinto, 1970) e seus trabalhos sobre inflação estrutural (Pinto, 1978).